

SEARA NOVA

DIRECTOR: CÂMARA REYS

EDITOR: JOSÉ BACELAR

NÚMERO

972

PREÇO

2\$50



CORPO DIRECTIVO: Câmara Reys e Sarmiento Pimentel. Antigo Director: Raúl Proença (1921-1941).
 PROPRIETÁRIA E EDITORA: Empresa de Publicidade SEARA NOVA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DA ROSA, 288-240 — TELEFONE 28547

SUMÁRIO: COMO CASOU EÇA DE QUEIRÓS, Francisco Fernandes Lopes. — POLÍTICA MONETÁRIA, *Inundação do meio circulante originada em 1918 e ampliada nos anos seguintes*, Alves Diniz. — NOVOS POETAS, *Biografia viva*, Joaquim Rodrigues da Silva; *Furtaram-me tudo!*, Aginaldo Brito Fonseca. — NOVOS CONTISTAS, DESGRAÇA, Nataniel Costa. — INQUÉRITO AO LIVRO EM PORTUGAL, *Os estudantes*. — JORNAL, *Teatro*, «À lareira do pecado», de Pedro Alvelos, João Pedro de Andrade; *Música*, «Serrana»; O violoncelista Bernard Michelin, F. L. G.; *Livros*, «Não há nada mais simples», por Vergílio Godinho, Raúl Gomes; «A respeito dos reparos de um autor à apreciação de um seu livro», Alberto Candeias. — FACTOS E DOCUMENTOS, *A Carta das Crianças*; *Remédios — a frio*; *Advertência para uso doméstico*; *Indução precária*; «Como liquidar a hereditariedade».

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

COMO CASOU EÇA DE QUEIROZ...

Meu querido Luís,

Muito obrigado pela tua lembrança do monumental *Livro do Centenário* e pelo suplementar obséquio das *Cartas* (editorial Aviz), embora, destas, algumas eu já conhecesse do livro do Conselheiro Cabral. Velho apreciador do Eça (quem o não era no nosso grupo de há quarenta anos?), — quando foi do centenário de Antero (em que, para uma conferência comemorativa que fiz aqui, tive de resenhar cronologicamente a actividade do Poeta-Filósofo), aproveitei o ensejo e fui resenhando também o que conseguira da actividade do nosso romancista; e agora, a esses apontamentos, vou juntando os novos factos trazidos à tona pela maré magna do Centenário. Vês assim o duplo interesse que me merecem quantas contribuições hajam aparecido, lançando mais alguma luz sobre os pontos obscuros ou mal estabelecidos da sua vida e vivência espiritual, — que não tanto, evidentemente, as dissertações ensaísticas architectadas sobre presunções mais ou menos gratuitas ou subjectivas, e que nada adiantam nem para o restabelecimento da verdade humana, nem para a interpretação do sentido ideológico da obra do grande Artista. E cá vou continuando, a recolher da maré, para talvez um dia — visto que a História tem, como dizia o Cantú ou não sei já quem, dois olhos: a Geografia e a Cronologia,

dar *anch'lo* ao público um viático... Depois com o folheto que há pouco fiz imprimir aqui e que à venda deverá aparecer aí dentro em breve: *Quer saber o dia-da-semana de qualquer data?* (perdoa êste auto-reclame...), porventura haverei mesmo de rectificar certos pontos da biografia, como por exemplo este que podes indicar já ao Gaspar Simões (v. pag. 491): em Agosto, a véspera da partida de Eça para Pindela não foi em 18 ou 19, como o crítico calculou, mas sim em 20, pois estava-se em 1884 e, assim, é de 20 a carta X da *Correspondência*, ao Conde de Ficalho, em que Eça apenas pôs "quarta-feira", e em que se refere à "jornada de amanhã".

O assunto que me traz hoje aqui, conquanto queiroziano, é porém outro; e interessante, sem dúvida, porque pode ser chave psicológica para o enigma amoroso-matrimonial de Eça. Como não o vejo versado nem pelo Conselheiro Cabral nem pelo Viana Moog, nem pelo Lopes d'Oliveira, nem pelo Gaspar Simões, nem por outros tratadistas magnos ou minúsculos que aqui tenho à mão, e será porventura ignorado do grande público, — sendo, pelo menos, um pormenor ineditado até agora, permitirás que o arquite na tua *Seara*. Aqui vai pois, com a revelação do episódio em que me veio envolvido.

Lembras-te da campanha que em *A República Portuguesa*, que tu dirigias em 1910/1911, fizéramos para a vinda do Dr. Júlio de Matos, do Porto para Lisboa, para a vaga do Bombarda em Rilhafoles? O eminente psiquiatra veio e o nosso fraterno Pulido e eu tencionámos então dedicar-nos à Psiquiatria, — ao que o Mestre acedeu do melhor grado; e começámos a frequentar Rilhafoles, todas as manhãs, assistindo à entrada e interrogatório dos doentes e acompanhando-o na visita pelo

vasto pandemónio atulhado de malucos de todas as espécies, — até pelos corredores, sendo a lotação de uns seiscentos, mas passando de novecentos os que já lá se encontravam; e cada dia o número crescia, com grande desespero do pacífico e humano Dr. Matos...

Literato porém, como ele era, tendo descoberto o nosso interesse pelo Eça que muito prezava, amenizava a tarefa psiquiátrica com palestra amável; e um dia perguntou-nos se não sabíamos como o Eça casara...

Aguçámos a curiosidade e ouvimos então a historieta.

Eça de Queiroz, cônsul em Inglaterra, viera a Lisboa, onde então estava o seu amigo Manuel, conde de Resende, hospedado no Hotel Borges. Indo lá uma manhã, encontra o amigo a barbear-se... Sentou-se, palestraram, enquanto o Manuel continuava a barbear-se; e no entretanto veio o correio: era uma carta, que o Eça recebeu da mão do criado, e que o Manuel, continuando a barbear-se, dizendo-lhe o Eça que era de sua casa, pela marca do correio, pediu ao José Maria que lesse... Talvez más notícias, acrescentou, pois andava apreensivo com o caso de sua irmã Emília, adoentada, exquisita desde há tempo. Eça abriu a carta e começou a leitura: a carta era efectivamente da irmã Emília, tranquilizando o irmão acerca das suas apreensões quanto à saúde dela e explicando-lhe que a razão das suas agonias era aquilo que agora lhe confessava com toda a sinceridade e franqueza: a paixão que em si sentira ter ido crescendo pelo seu amigo José Maria!... E a tal ponto chegara, que, devia acrescentar, para sua decisiva elucidação: se não viesse a casar com ele, não pensaria em casar com outro!...

Eça de Queiroz, que lera a carta com a mais aparente das serenidades, ao terminar, perante o conde de Resende estupefacto, não teria tido mais que a seguinte frase: "*Em face disto, meu caro Manuel, só me resta... pedir a mão de tua irmã!*"

Teria sido assim? não teria sido?

Em qualquer caso, não creio que o Dr. Júlio de Matos nos tivesse contado, como verdade, uma blague sua. A sua seriedade só seria compatível com a hipótese de uma invenção alheia que ele tivesse adoptado de boa fé. Mas também não julgo que, com o seu critério, tivesse dado foros de verdade a uma pura mentirola...

E' bem possível que, pelo Pulido ou por mim ou de outra origem, tu conheças de há muito esta lenda da carta da mulher do Eça. Em todo o caso, observar-me-ias porventura que ela é inteiramente desmentida pela carta que ele escreveu à condessa de Ficalho, participando-lhe o casamento e contando que, durante um verão inteiro, na Granja, conversaram, sempre juntos, sobre tudo (modas, livros e até o Fontes) e que no fim, chegaram à conclusão que a maneira de continuarem a conversar... seria casarem-se.

Mas, querido Luís, perdoa que te replique que onde tu verias um desmentido, eu não vejo senão a mais discreta, elegante e espirituosa das confissões, em capítulo de tanta delicadeza...

De resto, pelas recordações de alguém da família do Escritor ou de senhoras íntimas de D. Emília, que ainda vlvam, talvez que a anedota se possa verificar. Enfim, não é impossível que entre os papeis do Conde de Resende a carta se haja conservado...

Entre-se agora com esta chave — hipotética que seja — na interpretação dos factos conhecidos, e ter-se-á que o encontro no hotel Borges teria sido em 1884, antes de Eça ir para o Porto e de se passar aquilo que Gaspar Simões narrou desde a página 494 do seu compendioso volume... Ver-se-á claramente que D. Emília não era a Circe regeneradora que com os "seus encantos" o chamava à Granja, mas alguma coisa de muito mais sublime... Todo o *dessous* do leque apostado teria naturalmente escapado aos quatro cachorrinhos comparas; mas ele tinha ali deante de si, no mistério que tão grato lhe seria, o Amor que, no caso, sendo, por certo, amado, não suscitaria o choro da compassiva freira da lenda...

Sim: o fantasiado casamento de conveniência ou *de raison* não deve ter passado de quimera *bombinante in vacuo*... E, em contrário doutra sentença pedante, Eça de Queiroz teria conhecido o amor, — ao menos, como na poesia do Géraldy, *par conformité de goût*:

*Et puis, comme au fond de soi-même
On s'aime beaucoup,
Si quelqu'un vous aime, on l'aime
Par conformité de goût.*

Pela maneira mais segura, Eça teria sabido que era amado. Resistiria então a ter amado, na mais perfeita plenitude e entrega de si?

Deixo a filosofeira filodóxica das considerações aos queirozianos aficionados na especialidade, e ponho ponto, sem mais, na revelação e controvérsia, envolvendo-te, meu querido Luís, no velho amplexo fraterno do teu

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Olhão (Algarve), 16-3-46.

Últimas novidades

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

Secção de Estudos Pedagógicos

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

(Reforma do Ensino)

por

A. LÓBO VILELA

Preço 10\$00

Secção de Estudos Políticos e Sociais

O Desamparo do Trabalho e a Democracia Económica

por

RAMOS DA COSTA

Preço 5\$00

Dirigir pedidos à «Seara Nova», Rua da Rosa, 240
— Tel. 23547, ou à «Editorial Organizações, L. da»
Largo de Trindade Coelho, 9, 2.º — Tel. 27507